

FOLHA DE S. PAULO

95
anos

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 96 ★ SEXTA-FEIRA, 15 DE JULHO DE 2016 ★ Nº 31.880

EDIÇÃO NACIONAL ★ CONCLUÍDA ÀS 21H03 ★ R\$ 4,00

B8 esporte ★ ★ ★ SEXTA-FEIRA, 15 DE JULHO DE 2016

FOLHA DE S. PAULO

NEM O sono constante que senti durante a Olimpíada de Sydney apagou aquela prova da memória. Os Jogos eram na Austrália, fuso horário trocado. Dia lá, noite aqui. Eu trabalhava em um site e tinha de dar os resultados em "tempo real". Resultado: três semanas trabalhando durante as madrugadas.

Mas, na final do revezamento 4 x 100 m rasos, o sono deu uma tré-gua. Não sei se a profissão bagunça minhas lembranças, mas acho que naquela época os brasileiros acompanhavam mais o atletismo do que hoje, reconheciam aqueles quatro que correriam na pista australiana, falavam com alguma propriedade sobre a técnica de passagem do bastão. Era talvez algo semelhante ao que ocorreu com a ginástica no auge da Daiane dos Santos — quantas pessoas sabem mesmo o que é um duplo twist carpa-

do? Mas sabem que ele existe.

Quatro anos antes, em 1996, o mesmo revezamento havia conquistado um bronze. E Sydney parecia ainda mais promissor.

O baixinho Vicente Lenilson abriu na raia 4. Edson Luciano recebeu em quinto e passou para André Domingos. Os EUA corriam à frente. Na última passagem, Claudinei Quirino recebeu em terceiro, passou um cubano e levou o Brasil à medalha de prata.

Aquela equipe tinha um entrosamento incrível na pista. Quirino brinca que não precisava nem ser avisado da aproximação de Domin-

Quando éramos rápidos

MARIANA LAJOLO

O atletismo brasileiro vive uma crise técnica, com resultados fracos e pouca perspectiva de melhora

gos para colocar a mão para trás na passagem de bastão. Se guiava pelo perfume do colega.

Fora das raias, a harmonia não era tão boa assim. Havia muitas diferenças entre os quatro, mas ficavam fora das corridas. Ao menos das provas de revezamento.

Aquela equipe foi a última oportunidade que os brasileiros tiveram de fazer parte desse selete e nobre

grupo olímpico: o dos homens mais velozes do mundo.

O cenário das provas de velocidade do país hoje é triste. Apenas um atleta conseguiu índice para os Jogos do Rio, Vitor Hugo dos Santos. Ele fez a marca de 10s11 na última chance que teve para se classificar. O revezamento 4 x 100 m será formado por atletas que atingiram a marca mínima para correr os Jogos nos 200 m.

Vitor Hugo comemorou a vaga. Mas seu tempo está longe de ser marcante. O recorde brasileiro da distância é 10s, de Robson Caetano, estabelecido em 1988.

Nos Jogos de Londres-2012, o atleta que chegou em 15º lugar nas semifinais fez 10s11. Esse tempo é o 72º desta temporada.

Vitor Hugo é jovem, tem apenas 20 anos, uma série de deficiências a serem superadas e pode quebrar essa barreira. Mas cresce em meio a um cenário que não parece promissor.

Quase todo o atletismo brasileiro vive uma crise técnica, com resultados fracos e pouca perspectiva de melhora em curto prazo. As provas de velocidade fazem parte dessa crise.

Na segunda semana dos Jogos do Rio, a atenção do mundo se voltará para a pista do Engenhão. Todos de olho em quem será o mais veloz. E os brasileiros, dessa vez, não devem produzir as mesmas lembranças como as que guardei 16 anos atrás.

COLUNAS DA SEMANA segunda: Juca Kfourí e PVC, terça: Edgard Alves, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourí, sexta: Mariana Lajolo, sábado: Pánel FC e Mariliz Pereira Jorge, domingo: Juca Kfourí, PVC e Tostão